

OS CÍRCULOS DIALÓGICOS INVESTIGATIVO-FORMATIVOS COMO ESPAÇO DE TORNAR-SE PROFESSORA/O COLABORATIVA/O A PARTIR DA PRESENÇA DO OUTRO

Maria Ghisleny de Paiva Brasil ¹

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar a metodologia dos Círculos Dialógicos Investigativo-formativos, desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa FORMAÇÃO: Formação Continuada em Colaboração da Universidade Federal Rural do Semiárido/UFERSA, campus de Caraúbas-RN. A referida metodologia de cunho colaborativo e inspirada nos Círculos de Cultura de Freire toma como matriz epistemológico-política as obras do autor em diálogo com as de Ibiapina (2008), para quem o trabalho de colaboração auxilia os participantes a investigarem e refletirem suas ações, analisando a possibilidade ou não de reestruturação do trabalho docente. Partimos dos pressupostos do dialogismo freireano, para quem os homens são homens porque dizem a palavra e se relacionam por meio dela e nas suas relações sociais. Trata-se, o diálogo, de “encontro dos homens” entre si e mediados pelo mundo. Quanto aos pressupostos da formação colaborativa nos baseamos em Aguiar e Ferreira, Ibiapina e Ferreira, Paiva Brasil, Pimenta e Zeichner, destacando seus pontos teóricos quanto a colaboração docente como um espaço onde profissionais docentes podem trocar experiências, além de refletir sobre práticas e conceitos. A partir de um olhar hermenêutico, buscamos compreender a potencialidade dos Círculos Dialógicos como dispositivos de pesquisa e auto(trans)formação permanente com professores no tornar-se docentes colaborativos. Compreendemos que a metodologia apresentada contribui significativamente com o aprofundamento epistemológico da temática geradora da pesquisa, permitindo às/os colaboradoras/es a processualidade para a auto(trans)formação permanente, bem como a reflexão sobre a práxis pedagógica.

Palavras-chave: Círculos Dialógicos, Professora/o Colaborativa/o, Formação Continuada

INTRODUÇÃO

O círculo dialógico no grupo de pesquisa Formação Continuada em Colaboração (FORMAÇÃO) da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA) mostra-se como caminho promissor para o aprofundamento e reflexão teórico-prática da formação inicial e continuada de professores e professoras da educação básica e do ensino superior.

O objetivo deste artigo é trazer o círculo dialógico como lugar e estratégia de aprendizagem do tornar-se professora colaborativa. Parafraseando Freire (2005), um lugar do professor, com tradições fortemente doadoras, mediadora de debates; em lugar de práticas discursivas, o diálogo; em lugar do aluno, com tradições passivas, o

¹ Professora da Universidade Federal Rural do Semiárido - UFERSA, maria.ghisleny@ufersa.edu.br



participante do grupo; em lugar dos pontos e de programas alienados, a programação compacta, reduzida e codificada em unidades de aprendizado.

As colocações de Freire apontam para a necessidade de uma Educação corajosa e crítica nesse processo de transição da sociedade para uma transitividade crítica, característica presente em seu método que, mais do que alfabetizar, propõe círculos de cultura, com coordenadores que auxiliem os alfabetizandos a refletirem sobre a realidade local e alcançar o global, numa perspectiva de emancipação.

Nossa linha de raciocínio está pautada eminentemente nos pressupostos do dialogismo freiriano (1999), para quem os homens são homens porque dizem a palavra e se relacionam por meio dela e nas suas relações sociais. Trata-se, o diálogo, de “encontro dos homens” entre si e mediados pelo mundo. Quanto aos pressupostos da formação colaborativa nos baseamos em Aguiar e Ferreira (2007), Ibiapina e Ferreira (2003), Paiva Brasil (2010), Pimenta (2005) e Zeichner (1993), destacando seus pontos teóricos quanto a colaboração docente como um espaço onde profissionais docentes podem trocar experiências de dentro da sala de aula, além de refletir sobre práticas e conceitos, chegando assim a uma reelaboração e ressignificação de suas práticas e das teorias que as orientam.

Freire (2013) nos lembra a questão da dialogicidade da educação e o poder da palavra que, se autêntica, tem o poder de mudar o mundo, pois há nela ação e reflexão. O autor reforça ainda a importância do diálogo quando diz que “o diálogo é uma exigência existencial” (FREIRE, 2013. p. 80), por isso importante para definir os sujeitos no mundo e o diálogo como ponto de encontro entre o agir e o refletir.

Zeichner (1993) destaca os Ciclos Reflexivos como uma das estratégias usadas para a atividade da reflexão crítica sobre a prática docente. Os Ciclos Reflexivos são momentos para se analisar e avaliar as práticas, permitindo a realização do confronto entre teoria e prática, promovendo a reelaboração de conceitos e a avaliação das possibilidades de mudanças no trabalho do professor.

Consideramos reflexiva nos estudos desenvolvidos sobre e na prática do grupo FORMAÇÃO, através de estratégias que provocam as discussões nos círculos dialógicos. A narrativa reflexiva no movimento do ser docente colaborativo apresentada neste trabalho mostra-se significativa na vida da autora, a partir das experiências mediadas e vivenciadas no Grupo, e com ela partilhadas e constituíram-se importantes elementos de



formação, não só para a professora em questão, mas para os que com ela interagem no Grupo colaborativo.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho, parte dos estudos do grupo de pesquisa FORMAÇÃO que tem como definições metodológicas o cunho qualitativo e se baseia nos pressupostos da pesquisa colaborativa e se baseia em três etapas distintas: a primeira se constitui numa formação colaborativa, ou seja, nesta etapa acontece um processo teórico formativo em colaboração entre os participantes do grupo. O segundo se refere a momentos de observação colaborativa em sala de aula dos membros do grupo que são docentes. Por fim, a terceira etapa concretiza-se em um ciclo reflexivo com todas os participantes, momento em que ocorre a colaboração e reflexão sobre as práticas, propondo mudanças e redimensionamentos. Essas etapas levam os participantes a um processo de investigação e reflexão, promovendo a aprendizagem entre as alunas e professoras.

Nos ciclos reflexivos do Projeto de Pesquisa FORMAÇÃO, se reúnem no campus da UFRSA-Caraúbas: alunas de Letras Inglês, Letras LIBRAS, Letras Português e quatro professoras do Departamento de Linguagens, Ciências e Humanidade. Antes de iniciar a reunião ocorre a escolha de um dos colaboradores para realizar o registro dos ciclos reflexivos em Diário de Campo, com base nesse material, utilizamos as falas para análise e publicações. As temáticas discutidas nos ciclos reflexivos são inerentes ao cotidiano da docência.

Os Ciclos Reflexivos são espaços para que, tanto as alunas quanto as professoras possam refletir sobre suas práticas de forma crítica. Segundo Ibiapina (2008), o trabalho de colaboração auxilia os participantes a investigarem e refletirem sobre suas ações, analisando a possibilidade ou não de reestruturação do trabalho docente. Além disso, é colocado em prática nos Ciclos reflexivos o crescimento acadêmico do aluno e a formação continuada do professor colaborativo, pois, como afirma Paiva Brasil (2003), a observação colaborativa potencializa a descrição, a interpretação, o confronto e a reconstrução de teorias e práticas relativas ao processo de ensino-aprendizagem, ou seja, o saber é co(construído) e (re)construído.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Círculo dialógico atende a dinâmica cultural das pessoas para organizar os saberes, as coisas e a aprendizagem em relação ao conhecimento. A partir de uma visão crítico-colaborativa de educação, o processo de aprendizagem parte da premissa de que é indispensável refletir e dialogar com/entre educação básica e instituições de ensino superior e o círculo nesse movimento, cumpre um papel como estratégia de aprendizagem e de intervenção torna-se um evento onde os participantes com voz e autoria se fazem presentes. Assim, os conceitos e práticas discutidos são atualizados na, dando organicidade a um novo texto tecido a partir das provocações de Freire, dos conceitos de educação aberta para um mundo mais democrático. São conceitos que comportam fazeres teórico-práticos numa proposta emancipadora e libertadora.

Paulo Freire evitava falar do Método para não criar fórmulas. Aliás, o Método dele era não ter método, era trabalhar o tempo todo com a realidade. Entendemos que, a perspectiva de Paulo Freire é mais que um método de alfabetização, é uma obra que se expande para uma teoria do conhecimento e uma teoria da prática pedagógica também, portanto, ela ganha um status filosófico e pode-se dizer isso sem medo. Mas dentro da obra dele há um Método de alfabetização que foi o princípio do pensamento e da sua prática – o círculo de cultura.

Semelhante ao Círculo de Cultura freiriano, o círculo dialógico no grupo FORMAÇÃO, é a pronúncia do mundo, ou seja, é o processo de ler o mundo, problematizá-lo, compreendê-lo e transformá-lo. É um ato cognoscente firmado no diálogo, em que “o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto na intercomunicação” (Freire, 2010, p.64). Assim como dizia Paulo Freire, que educar não é transferir conhecimento e que a educação acontece por meio de uma prática dialógica em comunhão, nesse sentido não há saberes superiores ou inferiores.

Um diálogo está cheio de diferenças e a arte do diálogo consiste em sustentar a tensão entre as diferenças, mantendo-as e não as dissolvendo. Assumimos o Círculo dialógico como espaço/tempo privilegiado no cotidiano do nosso grupo de pesquisa. O Ponto de partida, é um momento de conversa compartilhada e de escuta de si e do outro sobre as práticas pedagógicas observadas das colaboradoras docentes. Assim, ele é



compreendido como um espaço/tempo de mediação, ligação, socialização de saberes, de discussão e até de estreitamento de laços de amizade e afetividade, da diferença enquanto ser mais.

Compreendida como tal, não é uma prática esporádica ou que possa ser adiada, feita quando dá. É um movimento constituinte e constitutivo das ações que constituem o grupo, se constitui como um dos fazeres centrais da nossa prática, nos ajudando a pensar coletivamente nos processos pedagógicos vividos e compartilhados por cada partícipe, através de suas falas, da ajuda, dos afetos, da solidariedade, da cooperação e da reflexão crítica. Assim, pensar o círculo dialógico como constitutivo da prática formativa docente é pensá-lo como um movimento de potência de si e do outro, um espaço aberto às conversas, ao narrar as práticas. Ele pode ser pensado, também, como espaço potencial para tomadas de decisões, resolução de conflitos, acordos e diálogos. É um espaço no qual votamos, combinamos nossos fazeres, socializamos ideias, descobertas, pesquisas, no movimento de reconhecer e legitimar cada um e cada uma como sujeito de conhecimento (Ribeiro; Sampaio; Venancio, 2014, p. 6).

O círculo dialógico é, então, um encontro com o outro e consigo mesmo. Estar nele é dar-se a ler, na emergência da participação dos sujeitos e de seus diferentes saberes, como nos propõe Boaventura Sousa Santos (2010). Nele, a conversa vai sendo compreendida como uma ação entre sujeitos, um exercício de escuta, de percepção do outro, como compromisso político com a alteridade (Ribeiro; Sampaio; Venancio, 2014) em abertura às singularidades, a modos outros de dizer, de pensar e de ser. Ao pensar o Círculo como um espaço político, é iminente pensá-lo também como espaço/tempo de formação. Não há como pensar nas relações pedagógicas que nele são tecidos, cotidianamente, junto com os pares, sem remeter à formação político pedagógica que cotidianamente praticamos em sala de aula.

Sendo assim, afirmamos ser o Círculo Dialógico como um espaço/tempo de formação político pedagógica pelas relações, nem sempre harmoniosas, que são vivenciadas nele cotidianamente. Relações que vão sendo compreendidas como ações que se entrecruzam, se encontram e, também, se desencontram. Relações preñhes também de divergências, mas que trazem também a riqueza da convivência, de histórias de vida, da amizade, de viver a cada dia momentos diferentes de aprendizagem com o outro, pois, como nos lembra Paulo Freire (2010, p. 90), não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Isso é viver a democracia e a cidadania na



prática cotidiana, no tinir de variados tons de vozes, em diálogo com as diferentes histórias de vida.

Participar do Círculo Dialógico está para além da presença que se faz física, a presença do outro nos convida a viver e experienciar novas formas de ver o mundo, por isso a conversa é aqui compreendida como uma ação que une, aproxima; uma conversa de rir ou de contar um relato interessante que faz desse momento um tempo/espço de atenção mútua de afeto, cuidado, de ouvir e de falar. No círculo aprendemos a perceber as diferenças que nos constituem como potenciais, singulares, pois a irrupção do outro é uma diferença que difere, que nos difere e que se difere sempre de si mesma (Skliar, 2003, p. 149).

No círculo, nossas falas são como janelas abertas ao inesperado, ao que surge. Nossas falas são como temporalidades abertas (Sampaio, 2014) ao aprender, ao ensinar, ao conhecer, ao desconhecido, ao porvir. Como diz Larrosa (2003, p. 212), nunca se sabe onde uma conversa pode levar, que caminhos irá tomar, que assuntos serão puxados, retomados, anunciados, discutidos, encerrados. Arrisco dizer que a conversa é como um rizoma. Onde começa? Onde termina? Sem um início que dê a partida para as falas e sem um fim que as encerre, percebemos que no círculo e fora dele, a conversa continua carregada de histórias, interesses, sentidos que, compartilhados, ganham outros significados, vozes que se reconhecem legítimas e comprometidas com os saberes e fazeres pedagógicos.

Desafio-me cotidianamente a pensá-lo como um espaço/tempo de interações, praticada na perspectiva da circularidade da(s) palavra(s), como instância emancipatória de saberes e fazeres. Por isso, trabalhar nessa perspectiva significa, embora não seja fácil, romper com as lógicas da centralidade e da hierarquia assentadas na verticalidade e na separabilidade entre quem ensina e quem precisa aprender, rompendo com esse modo de decidir pelo outro, de falar em seu lugar. Por que afirmo não ser fácil? Porque, na maioria das vezes, não percebemos o quanto nossa fala coloniza, manipula, sobrepuja a fala do outro (colaborador/a), o silencia, o torna ilegítimo.

Embora tente fortemente buscar outros caminhos e apesar de ser o Círculo Dialógico uma tentativa de romper com essa concepção, tenho consciência de que essa formação fez e faz parte da minha vida: ela ainda está em mim, ele me fez ser uma professora colaboradora! O círculo dialógico é uma prática que acompanha minha vida



profissional há algum tempo, precisamente em 2007 quando ingressei no Mestrado em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) naquela ocasião a pesquisa colaborativa nos foi apresentada como metodologia da nossa dissertação, depois no doutorado e atualmente nas minhas práticas de professora pesquisadora na UFERSA.

Nesses diferentes momentos fui/vou me constituindo como professora colaborativa, compreendendo que o círculo dialógico e colaborativo é um momento que não se repete, que é constituído de palavras que se alimentam de outras e que, juntas, formam conversas singulares. Foi e é nesse jogo de diálogos que minha compreensão sobre o círculo como instância político-pedagógica foi sendo construída e tendo consequências meu percurso formativo como docente.

Nos círculos, discutimos sobre nossas relações com os outros, com os nossos fazeres pedagógicos e com a vida. É nesse intuito que os nossos Círculos dialógicos foram sendo fiados, tentando entender o tempo gasto como um tempo recheado de intencionalidades, subjetividades, de experiências e de contra palavras (Geraldí, 2013) inscritas na(s) fala(s), nas histórias de vida de cada sujeito. Nesse processo, os colaboradores vão percebendo o quanto é importante ouvir o outro, ser ouvido, falar o que pensam, criar argumentos, defender seus pontos de vista, tecer críticas, ajudar a pensar na resolução de problemas, avaliar propostas e atividades que são/foram feitas, ponderar sobre atitudes em relação ao outro.

Percebemos que compartilhar nossos pensares no Círculo nos ajuda não só a pensar em soluções para questões referentes à escola, mas na caminhada na vida. Além disso, não basta falarmos ou discutirmos sobre os assuntos trazidos, escrevemos e documentamos nossas ideias para futuras publicações e como referência e consulta.

Sobre isso, lembro-me de um diálogo com a professora Flor de Liz², em que abri-me à escuta, uma vez que há vida na voz que fala; há vida no ouvido que escuta. Suas palavras desestabilizaram minha compreensão e mostraram-me que eu poderia ter insistido com os meus alunos numa aula de Didática, disciplina que ministro para alunas e alunos do nosso departamento sobre as possibilidades de interlocução... Essa situação

² Nome fictício de uma das colaboradoras do grupo FORMAÇÃO em um dos nossos Círculos Dialógicos



ensinou-me. Serviu de inspiração para (re)compreender minha prática na interlocução com o outro, nos seus dizeres.

Compreender que a prática se modifica no encontro, na interlocução, no diálogo com o outro, implica dizer que o singular não vive sem compartilhadas, sem a colaboração, como movimento de elaboração e reelaboração dos conhecimentos, das relações e dos processos que juntos, professora e alunos, vão vivendo, aprendendo/ensinando. Isso é viver uma prática discursiva, nas suas variadas dimensões político-pedagógicas. Do meu ponto de vista, essas dimensões não estão somente no que diz respeito aos processos de formação, mas no processo de reflexão vivido também pela professora no cotidiano escolar, na sua incompletude enquanto sujeito que aprende e ensina e, sobretudo, no movimento de (re)compreender a própria prática.

Desafio-me, cotidianamente, a investir em ações pedagógicas onde todos os alunos e alunas tenham falas, desejos e curiosidades sejam centelhas na produção de conhecimentos e saberes. Nessa perspectiva, à guisa do que se pensa sobre quem ensina o quê a quem, indago: no Círculo Dialógico, quem ensina e quem aprende? Busco essa prática discursiva por ser potencializadora de falas, saberes e ações, mo(vi)mento também coadjuvante ao processo de aprendizagem vivido por cada aluno e pelas professoras.

Para mim, essa é a maior potencialidade dos círculos dialógicos, que, nele, pode-se chegar a dizer o que não queria dizer, o que não sabia dizer, o que não podia dizer (Larrosa, 2008, p. 212). Sendo assim, compreender o círculo dialógico como espaço democrático de falas também desafia os nossos sentidos à aproximação e compreensão dos modos como todos e todas pensam e vivem os seus processos de aprendizagens. Longe de ser um modelo a ser seguido, o círculo dialógico nos ensina a viver, a sentir o cotidiano da sala de aula como uma abertura para novos horizontes e a nos tornarem professoras e professores colaborativos e colaborativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com a perspectiva colaborativa tem sido muito significativo em minha vida como professora pesquisadora. Tomar como ponto de partida, a própria prática profissional com o desenvolvimento dos círculos dialógicos é lançar-me a compreender melhor o que me constitui como professora e a produzir sentidos que contribuam para o



aprimoramento das minhas próprias práticas pedagógicas. E, assim me tornei professora colaborativa

A inclusão do Círculo de Cultura em nossa prática de docente pesquisadora, proporciona abertura para a participação de todos. O diálogo propicia uma discussão sobre/nas práticas, posicionando os sujeitos, discussões e ressignificação das aulas, indo de encontro às teorias rígidas e tradicionais, como uma possibilidade de prática democrática nas escolas e universidades. De tudo que foi pesquisado e pensado do corpo consciente e das certezas provisórias, fica a síntese da minha esperança de um mundo melhor através do outro, no outro e pelo outro.

Considero que a pesquisa colaborativa vem contribuindo de forma efetiva para que esta resposta ao vivido considerada como ato responsável adentre em minha vida acadêmica como uma oportunidade concreta de me lançar a compreender melhor o universo do meu trabalho como professora e a de produzir sentidos que contribuam para a minha prática profissional e como pesquisadora colaboradora.

Por último, a formação colaborativa dos professores visa uma reconstrução e cocriação de uma nova realidade histórica, partindo de um contexto escolar específico que responde a uma realidade social peculiar, conectado com o todo, por isso, predominantemente social. Nesse sentido, enquanto proposta, esta modalidade formativa contempla uma nova ação pedagógica com base em soluções de problemas sociais e reais voltados para a ressignificação das relações entre os sujeitos do conhecimento com o próprio conhecimento, guindando a perspectiva teórica conscientemente prática.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Para uma filosofia do ato responsável. 2 ed. São Carlos: Pedro & João, 2010.

CONNELLY, M.; CLANDININ, J. Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa. In: LARROSA, Jorge. Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Editorial Laertes, 2008.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2010

_____. Educação como prática da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 2005.



GERALDI, J. W. A aula como acontecimento. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. _____. Portos de Passagem. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

IBIAPINA, I. M. L. M. *Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos*. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

LARROSA, J. Notas sobre narrativa e identidade. In: ABRAHÃO, M. H. M. (org.). *A aventura (auto)biográfica: Teoria e empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

LOPES, M. A. B. *A Análise do Discurso do professor: um instrumento para a reflexão*. In: 6º INPLA - Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada, 1996, São Paulo, 1996.

PAIVA BRASIL, Maria Ghisleny de. A contribuição do estágio supervisionado para a formação reflexiva do pedagogo. Natal, 2010. 190 p. Dissertação (Mestre em educação) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal, 2010. Disponível em: Acesso em: 29 abr. 2021.

SAMPAIO, C. S. Redes coletivas de (auto)formação docente: narrativas, experiências e a (re)construção de saberes e fazeres alfabetizadores. In: MORAES, D. Z; LUGLI, R. S. G. (orgs.). *Docência, pesquisa e aprendizagem: (auto)biografias como espaços de formação/investigação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SKLIAR, C. *Experiências com a palavra: notas sobre linguagem e diferença*. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

RIBEIRO, T. *Pensamento, diálogo e formação de professores: a documentação narrativa de experiências pedagógicas no GEPPAN*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

ZEICHNER, Kenneth. *A formação reflexiva de professores: idéias e práticas*. Lisboa: Educa, 1993.

